

black blocs: abaixo às máscaras¹

francis dupuis-déri

Black Blocs e anarquismo

Os Black Blocs apareceram, pela primeira vez, em Berlim Ocidental durante o inverno de 1980, quando três policiais evacuaram brutalmente prédios ocupados por militantes do movimento autonomista. Decididos a defender sua moradia, estes militantes formaram os primeiros Black Blocs — expressão lançada pela polícia alemã — que enfrentaram os policiais em violentos combates de rua. Black Bloc é um tipo de ação coletiva, uma tática. Aqueles e aquelas que desejam formar um Black Bloc apresentam-se durante uma manifestação com roupas e máscaras negras — reconhecendo-se facilmente, podem, então, constituir um contingente. A primeira função de um Black Bloc é expressar uma presença anarquista e uma crítica radical no interior de uma manifestação. Assim, oferece a militantes a possibilidade de realizar ações diretas, pois a massa na qual eles se fundem lhes garante uma solidariedade política

Francis Dupuis-Déri é professor e pesquisador no departamento de Ciência Política e integrante do Instituto de Estudos Feministas da Universidade de Quebec, Montreal. Autor do livro Black Blocs. (São Paulo, Veneta, 2014). Contato: dupuis-deri.francis@uqam.ca.



Black blocs: abaixo às máscaras

e protege seu anonimato, tornando mais difícil para os policiais visar e prender um indivíduo em particular.²

Essa tática tornou-se rapidamente popular e os militantes autonomistas a utilizaram em grandes manifestações. Ainda em 1988, um Black Bloc entrou em ação em Berlim Ocidental por ocasião de uma reunião do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. Esse tipo de ação difundiu-se através da rede anarcopunk da contracultura radical, que abrangeu desde a Europa Central até o Canadá e os Estados Unidos, onde um primeiro Black Bloc se formou, em 1991, numa manifestação que denunciava a guerra contra o Iraque (conhecida como a Primeira Guerra do Golfo). Nos anos 1990, os militantes do movimento estadunidense AntiRacist Action (ARA), que privilegiam a confrontação direta contra os neonazistas e os supremacistas “Branços”, também retomaram essa tática³, que foi finalmente adotada pelos militantes ativos no interior do movimento “antiglobalização”.

Os anarquistas, em geral, e os Black Blocs, em particular, não foram os instigadores do movimento “antiglobalização”, mas eles participaram de sua dinâmica e muitos o consideram um lugar privilegiado para expressar sua crítica ao capitalismo e ao Estado liberal. Jornalistas, porta-vozes dos grupos reformistas e militantes não violentos, transtornados pela presença e pelas ações dos Black Blocs, concluem com muita frequência que os Black Blocs são anarquistas por utilizarem a força. Trata-se de um amálgama falacioso que obscurece três fatos importantes: todas as ideologias políticas e mesmo religiosas souberam justificar a violência de seus partidários quando isso lhes foi conveniente; o anarquismo conta com



muitos partidários não violentos⁴; e alguns Black Blocs participaram de manifestações sem recorrerem à força⁵.

Se os Black Blocs têm uma sensibilidade anarquista, isso não se deve ao seu potencial violento, mas ao fato deles funcionarem de modo igualitário e libertário. Em outras palavras, sua estrutura e processo de tomada de decisão são não autoritários e não hierárquicos. Em princípio, qualquer um que se vista de preto pode comparecer a uma manifestação e juntar-se ao contingente negro. Mas um Black Bloc é, em primeiro lugar, um agrupamento de vários “grupos de afinidade” — expressão muito difundida no interior do movimento “antiglobalização”, e que provém da tradição anarquista (tais “grupos” existem desde o fim do século XIX no ambiente anarquista espanhol)⁶. Um grupo de afinidade é geralmente composto de meia dúzia a algumas dezenas de membros. A afinidade entre os membros explica-se pelos vínculos que os unem — são amigos, colegas de estudo, de trabalho ou de grupos políticos —, e eles possuem uma sensibilidade compartilhada com relação ao tipo de ações que pretendem realizar, sobre o modo de realizá-las, assim como sobre as modalidades de interação sociopolíticas que desejam estabelecer e manter entre eles.

As reuniões dentro dos grupos de afinidade funcionam no modo da democracia direta, mas a busca do consenso é privilegiada, sendo raro o uso do voto. É difícil avaliar com exatidão o perfil sociológico dos participantes dos Black Blocs. São em sua maioria jovens (em torno dos vinte anos, num leque abrangendo dos quinze aos cinquenta e cinco anos) e muitos estudantes, mas sempre com uma experiência militante, por exemplo, nos jornais radicais e grupos de luta contra o racismo, contra a brutalidade



Black blocs: abaixo às máscaras

policial ou pelos desempregados. Muitas mulheres participam da articulação dos Black Blocs: já em 2001, elas foram cerca de 40% dos encapuzados nos protestos em torno da Cúpula das Américas, realizadas na cidade de Quebec em abril daquele ano. Nas reuniões, a palavra é frequentemente distribuída em alternância aos homens e mulheres — procedimento que constitui um contrapeso parcial às mais difundidas crenças sociopsicológicas segundo as quais os homens em geral se expressam e se afirmam com mais facilidade em público, o que lhes conferiria mais poder num processo deliberativo⁷.

Um Black Bloc, assim como os grupos de afinidade que o compõem, não tem um “chefe” que distribui os papéis a todos e impõe os objetivos coletivos. É durante um processo deliberativo que os membros discutem os riscos que pretendem assumir e decidem sobre o tipo de ações que desejam realizar. Alguns grupos optam por ações ofensivas (e então usam bastões, estilingues, bolas de bilhar, coquetéis Molotov, etc.) ou defensivas (escudos, plastrões, luvas, máscaras antigas, etc.), outros se especializam em ações de apoio: efetuam operações de reconhecimento e de comunicação (bicicletas, *walkie-talkies*, telefones celulares); formam um corpo de enfermeiros voluntários (com equipamento necessário para aliviar as vítimas de gás lacrimogênio e pimenta, e administrar os primeiros socorros aos feridos), ou têm como tarefa cuidar do ânimo das “tropas” com música. Por ocasião de eventos muito importantes, alguns grupos podem organizar reuniões de coordenação entre eles. Assim foi o processo de coordenação dos Black Blocs na região de Montreal, prevendo a realização da Cúpula das Américas de Quebec, que começou em 2000. Mas sempre é possível



que indivíduos ou grupos de afinidade que não tenham participado desse esforço de coordenação se juntem ao Black Bloc às vésperas e até no dia das manifestações, ou mesmo formem seus próprios Black Blocs.

Violência e Política

Nem sempre os Black Blocs fazem uso de força; eles prezam pelo respeito à diversidade de táticas⁸ e consideram apropriado que, de acordo com as sensibilidades e lógicas de cada um, alguns se manifestem pacificamente, e outros se expressem pela força (certos membros de Black Blocs chegam a se recusar a fazer uso dela e se reagrupam, por exemplo, no interior dos grupos de enfermeiros voluntários). Eles não são os únicos a utilizar, por vezes, a força física. As manifestações “antiglobalização”, historicamente, contaram com um número muito grande de grupos de afinidade e de indivíduos sem qualquer filiação que recorreram à força sem estarem vestidos de preto, não sendo, portanto, Black Blocs. Blocos Vermelhos compostos por militantes marxistas-leninistas também podem realizar ações diretas violentas. Mas os Black Blocs têm como particularidade o fato de que vários de seus membros produzem e difundem — principalmente pela internet — um discurso que justifica a utilização da força. Para muitos dos participantes dos Black Blocs, a decisão de recorrer à violência inscreve-se numa reflexão política que se inspira em experiências passadas.⁹ Assim, um participante de vários Black Blocs esclarece que podem ser encontrados, entre os encapuzados, militantes “de longa data (...), de algum modo desiludidos, pois chegaram à conclusão de que os meios pacifistas são limitados demais



Black blocs: abaixo às máscaras

e que fazem o jogo do poder. Decidem então utilizar a violência para não mais serem vítimas”¹⁰. As justificativas podem ser múltiplas e referem-se tanto à sociopolítica quanto à economia e à política. De um ponto de vista econômico e político, a ação direta violenta é percebida como um meio eficaz e simples de criticar o capitalismo e o Estado liberal tidos por eles como ilegítimos, pois funcionam de modo autoritário e hierárquico, sendo eles próprios violentos.

A crítica se expressa diretamente ao sistema econômico e político ilegítimo, encarnando-se no alvo dos ataques (McDonald’s, bancos, a sede do Fundo Monetário Internacional ou o perímetro de segurança que sempre protege as Cúpulas do G8). A crítica também se faz de maneira indireta, pois a ação é coberta e discutida nas mídias, o que permite difundir no campo político uma crítica radical ao capitalismo e ao Estado liberal. O enfrentamento com os policiais se justifica porque são eles que protegem instituições consideradas ilegítimas, encarnando eles mesmos a violência do Estado. A relação de força, ao permitir criar uma manifestação, em geral, e possibilitar a formação de um Black Bloc, em particular, oferece a oportunidade de uma vingança que funciona como uma descarga catártica: “Venho da periferia e os policiais fazem o que eles querem o ano todo e ninguém abre a boca”, explicou um jovem adulto de um bairro desfavorecido de Montreal que participou dos confrontos contra os policiais que faziam a segurança da Cúpula das Américas em Quebec. Ele esclarece que “atacar um policial não é violência, é vingança”¹¹.

Essa confissão bastante dura revela um mundo de injustiça e a necessidade de reparação por parte das



vítimas habituais da brutalidade policial. Entramos aqui no domínio das justificações de caráter sociopsicológico: a convulsão da ação direta provoca uma espécie de gozo. Este gozo é psicológico e também político: “acredito que seja uma manifestação de frustração”, disse outro participante de vários Black Blocs sobre a violência, antes de acrescentar que é “uma liberação por parte de pessoas que compreenderam que elas têm interesses contraditórios em relação às instituições que atacam”¹². Integrante de um dos grupos Black Bloc de Gênova esclarecem, por sua vez, que é porque “nós vivemos num mundo monótono e aterrorizante (...) que destruir acaba se tornando prazeroso”¹³. Essa violência, festiva desde que seja política, insere-se num imaginário em consonância com filmes como *O ódio* e *Ma 6-T'va cracker*¹⁴, e canções de Bérurier Noir, grupo anarcopunk francês dos anos 1980, especialmente apreciado pelos participantes dos Black Blocs.

É claro que os Black Blocs atraem muitos indivíduos que concebem seu engajamento político apenas em termos de violência, de manifestações e de organização de manifestações. Mas outros consideram que não se deve acreditar que “a manifestação é um momento político supremo, nem que a quebradeira significa, necessariamente, ser radical”¹⁵, lamentando mesmo que haja uma visão “dogmática que considera que a violência é a única maneira de conduzir a luta”¹⁶. Para estes, a manifestação e a sublevação ritual não são um prelúdio à “grande noite” da revolta¹⁷, mas sim micro revoluções que possibilitam liberar o espaço (a rua) e o tempo (algumas horas) necessários para se viver uma experiência política intensa fora das normas estabelecidas pelo Estado e pelo



Black blocs: abaixo às máscaras

capitalismo. “Sonho com um mundo sem violência”, disse-me um participante de vários Black Blocs, “mas o mundo em que vivo atualmente é violento e (...) considero, então, que é legítimo, para mim, utilizar a força para não deixar o monopólio da violência para o Estado”¹⁸. A ação direta deve permitir sair de um papel de vítima passiva, mudar o modo de pensar com relação à cidade, à propriedade e à política, mas o engajamento não deve se limitar à participação pontual em manifestações, e é por isso que muitos participantes dos Black Blocs realizam um trabalho militante no dia a dia.

Este retrato excessivamente rápido dos Black Blocs permitiu compreender a natureza duplamente parcial dos ataques verbais feitos contra eles e seus aliados, tanto pelos políticos oficiais e jornalistas quanto por vários porta-vozes das alas reformistas do movimento “antiglobalização”. Essas críticas dão a entender que os Black Blocs seriam tudo, menos os lugares em que a democracia direta, a liberdade e a igualdade se manifestariam, ignorando que aqueles e aquelas que recorrem à força têm muitas vezes uma rica experiência militante que os levou a pensar na ação direta violenta como legítima no presente contexto. Certamente é possível estar em desacordo com os Black Blocs e seus aliados, mas afirmar publicamente que “eles não expressam nenhuma opinião”¹⁹ (como disseram o primeiro-ministro belga e o presidente da União Europeia durante a Cúpula do G8 de Gênova) revela, no melhor dos casos, ignorância e, no pior, a infame mentira. Desse modo, os Black Blocs são descritos como “bárbaros” e “vândalos niilistas” (Bernard-Henry Lévy)²⁰, ou mesmo como aliados objetivos dos terroristas islamistas (Alain-Gérard Slama, no *Figaro Magazine*)²¹. As grandes mídias e as agências de



imprensa contribuem para essa campanha de difamação e, por vezes, até se permitem condenar explicitamente esses “vândalos que desacreditam regularmente as manifestações contra a globalização”²², e que constituem um “verdadeiro câncer do movimento”²³, conforme afirmou um jornalista da Agência France Press. Finalmente, Susan George, do Attac e do Greenpeace – França, afirmou que os Black Blocs permitiram que o movimento obtivesse uma maior visibilidade midiática, mas lamentou que “no último minuto, chegam pessoas que não participaram da preparação [das manifestações] e começam a fazer qualquer coisa. Essa atitude [é] profundamente antidemocrática”²⁴. Essas críticas dos porta-vozes reformistas visando os Black Blocs têm duas consequências deploráveis: elas encorajam a repressão policial e tendem a atenuar a força e difusão dessa tática, pois os “vândalos” são apresentados como elétrons enlouquecidos sem qualquer convicção política.

Desse modo, em termos da repressão aos Black Blocs, a unanimidade entre os porta-vozes reformistas e os intelectuais de direita facilita o cerco legal e repressivo contra os adeptos da tática. Que os policiais e os diversos serviços secretos respondam com repressão e violência à força dos Black Blocs está na ordem das coisas, mas a violência policial é desproporcional à dos manifestantes e não é exagerado falar de “motim policial”²⁵ em vários casos de manifestações contra a globalização do capitalismo. Em 13 de fevereiro de 2001, antes mesmo, portanto, dos atentados terroristas nos EUA, o “Grupo Terrorismo” do Conselho da União Europeia decidiu que os “atos de violência criminosos cometidos pelos grupos extremistas radicais” nas manifestações contra a globalização do capitalismo deveriam ser considerados “infrações ao



artigo primeiro da decisão-quadro relativa à luta contra o terrorismo”²⁶.

A abrangência dos ataques legais e físicos contra os Black Blocs e seus aliados é explicada pelas teorias sociológicas que indicam que os policiais serão tão mais violentos quanto mais souberem que os cidadãos que enfrentam são marginalizados e não possuem aliados de peso, quer esses manifestantes façam ou não uso da força.²⁷ Em suma, as críticas dos porta-vozes reformistas inscrevem-se em um discurso que favorece a repressão policial e encoraja a “opinião pública” a exigir da polícia uma abordagem brutal e repressiva contra os “jovens vândalos anarquistas”. Os moderados reformistas certamente condenam a violência policial, mas sempre e também a dos Black Blocs e outros “anarquistas”, indicando aos policiais que esses “extremistas” encontram-se isolados e que todo mundo irá comemorar quando eles finalmente forem neutralizados.

Além da repressão, o segundo efeito das críticas dos militantes moderados é a minimização da força dos Black Blocs. Os porta-vozes reformistas dissociam-se por razões morais dos “vândalos” que eles poderiam, no entanto, considerar como seus aliados políticos. A já citada Susan George propõe que a violência seja pensada “fora de qualquer questão moral”. A atitude política dos dirigentes de grupos reformistas com relação a militantes que utilizam a força é influenciada pela estrutura política na qual esses dirigentes escolheram se engajar: eles buscam adaptar suas práticas e discursos em função dos meios de comunicação, das redes de influência e das modalidades de financiamento cujas normas de inclusão e de exclusão são definidas pelo Estado.²⁸ Para preservar sua respeitabilidade aos olhos do Estado, os porta-vozes reformistas sabem que devem se



distanciar publicamente dos Black Blocs e de seus aliados. Aliás, os políticos oficiais expressam muito claramente tal exigência: “Quero escutar todos os responsáveis por todos os movimentos e partidos democráticos, no mundo inteiro, declararem distância dos vândalos”²⁹, declarou o mesmo primeiro-ministro belga em julho de 2001.

As elites dirigentes de certos grupos políticos também sabem que não podem respeitar a autonomia de cada participante e a diversidade das táticas em seus desfiles, impondo consequentemente uma disciplina estrita graças a um vigoroso serviço interno de segurança³⁰. O Estado, assim, distribui felicitações. Ainda no início da maior visibilidade dos Black Blocs, durante a Cúpula das Américas no Quebec, o Primeiro-ministro do Canadá distinguiu os manifestantes que fizeram uso de força daqueles e daquelas que haviam desfilado pacificamente longe do perímetro de segurança, e não hesitou em “agradecer a FTQ [sindicato da Federação dos Trabalhadores de Quebec] por possuir seus próprios guardas de segurança” controlando a passeata.³¹ Os porta-vozes da chamada Marcha dos Povos não se contentaram em impor sua disciplina; eles também criticaram os milhares de manifestantes que, muito longe de seu desfile, decidiram atacar o perímetro de segurança. Apesar de milhares, eles foram considerados pelo porta-voz do governo canadense Françoise David “um pequeno grupo”³² de indivíduos. Os reformistas calculam que é mais vantajoso politicamente para eles repetir o que o Estado quer que eles digam do que se declarar solidários aos que, na rua, acreditavam ser seus aliados de luta.³³

Os dirigentes reformistas têm, portanto, outras opções: eles poderiam se declarar não violentos, mas lembrar que os Black Blocs e seus aliados também fazem parte de um



Black blocs: abaixo às máscaras

movimento mais amplo de contestação, e que suas ações têm um sentido político. Eles poderiam até “utilizar” os Black Blocs para fazer pressão sobre os representantes do Estado, declarando: “Vejam, há na rua pessoas muito furiosas e então vocês devem ter interesse em negociar rapidamente conosco para acalmar o jogo”. No entanto, fizeram uma escolha totalmente diferente, correndo o risco de mostrar uma imagem equivocada dos Black Blocs, encorajando a violência e a repressão policial. Parece que os mesmos reformistas que se preocupam publicamente com o fato de que os Black Blocs sejam manipulados pela polícia, também se deixam manipular. Entre as ações dos Black Blocs e as falas dos dirigentes reformistas, não é evidente que sejam os primeiros os que mais prejudicam práticas de resistências e o movimento “antiglobalização”.

Tradução do francês por Martha Gambini.

Notas

¹ Este texto é amplamente inspirado em “Penser l’action”, capítulo de introdução de uma antologia que editei (Francis Dupuis-Déri (ed.). *Black Blocs: Penser l’action*. Montreal-Marselha, Lux-Agone, 2004. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/contemporains/dupuis_deris/francis/penser_action_black_blocs/penser_action_black_blocs.pdf). Uma versão inicial do texto foi publicada em francês — “Black Blocs: bas les masques” — em *Mouvements*, n. 25, 2003. Agradeço à *Mouvements* por liberar a tradução e atualização do artigo.

² Cf. George Katsiaficas. *The Subversion of Politics: European Autonomous Social Movements and the Decolonization of Everyday Life*. New Jersey, Humanities Press International Inc., 1997.



³ Integrantes da seção de Toronto do ARA, por exemplo, foram a Montreal para participar de uma manifestação contra a vinda de dois prefeitos do partido político de extrema direita francês Front National ao Quebec, aparentemente protegidos por cerca de trinta skinheads neonazistas.

⁴ Ver Normand Baillargeon. *Les chiens ont soif: critiques et propositions libertaires*. Montreal-Marselha, Comeau & Nadeau-Agone, 2001.

⁵ Foi o caso, dentre outros, das manifestações pelos direitos das mulheres em Washington (22 de abril de 2001), das manifestações contra o Fórum Econômico Mundial em Nova York (janeiro-fevereiro de 2002) e contra a Cúpula do G8 em Calgary e em Otawa (junho 2002).

⁶ Ver Daniel Colson. *Petit lexique philosophique de l'anarchisme de Proudhon à Deleuze*. Paris, Le Livre de Poche, 2001, p. 21; George Esenwein. *Anarchist Ideology and the Working-Class Movement in Spain 1868-1898*. Berkeley, University of California Press, 1989, pp. 131-133.

⁷ Nesse ponto, os Black Blocs inscrevem-se no ambiente do radicalismo estadunidense, muito sensível às reivindicações das feministas radicais.

⁸ Essa ideia de “respeito da diversidade tática” é encontrada em certos anarquistas franceses e nas *Convergences de lutte anti-capitalistes em Amérique du Nord* in CLAC-Montreal. Disponível em: <http://www.clac-montreal.net/> (acesso em: 15/01/2013).

⁹ O mesmo processo de reflexão encontra-se na decisão de *squatters* europeus de agirem por meios de luta mais vigorosos. Ver “Movement use of violence” in Anders Corr. *No trespassing Squatting, Rent Strikes, and Land Struggles Worldwide*. Boston, Southend Press, 1999.

¹⁰ Entrevista realizada em setembro de 2002 pelo autor, em Montreal, com BB1: um jovem de vinte anos que participou dos Black Blocs durante a passeata do 1º de maio de 2000 em Westmont (subúrbio abastado de Montreal), contra uma reunião do G20 em Montreal (novembro de 2000), contra a Cúpula das Américas em Quebec (abril de 2001) e junto à Cúpula dos Povos em Porto Alegre (inverno de 2001).

¹¹ Entrevista realizada pelo autor em Montreal, em março de 2002, com um jovem de menos de vinte anos associado aos RASH (Red Anarchist SkinHeads).

¹² BB1: ver nota 10.



Black blocs: abaixo às máscaras

¹³ “Violence: Des membres du Bloc Noir (Black Bloc) s’expliquent” in Francis Dupuis-Déri (ed.), 2004, op. cit., pp. 121-122.

¹⁴ O autor faz menção ao filme francês *O ódio (La haine)*, de 1995, dirigido por Mathieu Kassovitz, estrelando Vicent Cassel e que retrata vinte e quatro horas da vida de três jovens da periferia de Paris, imersos em situações violentas que incluem a repressão policial e o enfrentamento com grupos skinheads. O outro filme mencionado é *Ma 6-T va cracker*, também uma produção francesa, dirigida por Jean-François Richet. Lançado em 1997, o filme retrata o cotidiano da briga entre gangues e episódios de sublevação e explosão de ódio na periferia parisiense de Meaux. A expressão “6-T” lê-se “cité”, ou “cidade”, e é gíria utilizada para denominar conjuntos habitacionais dos *banlieus* franceses. Desse modo, a tradução do título seria “Minha vizinhança vai rachar” [N. E.].

¹⁵ BB1: ver nota 10.

¹⁶ Entrevista realizada pelo autor em Montreal, em setembro de 2002, com BB2: um jovem (com cerca de vinte anos) que participou de vários Black Blocs.

¹⁷ Ver “*Communiqué d’un groupe affinitaire actif au sein d’un Black Bloc lors de la journée d’actions et de la manifestation des 20 et 21 juillet à Gênes*” in Francis Dupuis-Déri (ed.), 2004, op. cit.

¹⁸ BB2: ver nota 15.

¹⁹ AFP. *Verhofstadt et Prodi déplorent la mort d’un manifestant à Gênes*, 20 de julho de 2001.

²⁰ *Le Point*, 27 de julho de 2001.

²¹ *Figaro-Magazine*, 6 de outubro de 2001.

²² Christian Spillmann. “Reprise des affrontements à Gênes, journée rouge pour le G8” in *AFP*, 21 de julho de 2001.

²³ Christian Spillmann. “Gênes: Violences, discorde, les dirigeants du G8 n’ont pas de quoi pavoiser” in *AFP*, 22 de julho de 2001.

²⁴ Susan George & Martin Wolf. *La Mondialisation libérale*. Paris, Grasset-Les Échos, 2002, p. 167.

²⁵ A expressão “police riot” foi utilizada em 1972 nos Estados Unidos pela *Comissão Presidencial de estudo sobre as causas e a prevenção da violência*, para



designar operações particularmente violentas levadas a cabo por policiais enfurecidos no fim dos anos 1960.

²⁶ Council of European Union. *Documento n ° 5712/1/02*. Bruxelas, ENFOPOL, 2002. Disponível em: <http://www.statewatch.org/news/2002/feb/ter05712-r1.pdf> (acesso em: 20/03/2010).

²⁷ J. A. Frank. “La dynamique des manifestations violentes” in *Revue canadienne de science politique*. Ottawa, Canadial Political Science Association, v. 17, n. 2, 1984, pp. 325-349.

²⁸ Doug McAdam, Sidney Tarrow e Charles Tilly. *Dynamics of Contention*. Cambridge, Cambridge University Press, 2001, pp. 146-147.

²⁹ Christian Spillmann, 22 de julho de 2001, op. cit.

³⁰ I. Sommier observa que durante o século XX na França “as exigências da ordem *interna* do desfile” dos sindicatos, por exemplo, conjugaram-se “progressivamente com as exigências da ordem pública”, ambas ameaçadas por ‘elementos perturbadores’, ‘incontrolados’ ou outros ‘vândalos’” (in Anais do II Congresso Mundial do ASEVICO, *Violence et coexistence humaine*. Montreal, Montmorency, 1995, v. IV, p. 333).

³¹ *Le Journal de Montréal*, 22 de abril de 2001.

³² Afirmações feitas em conferência de imprensa e reproduzidas no documentário radiofônico de Alain Chénier e France Émond, *La répression atteint un sommet a Québec*. Montreal, Rádio CIBL, 23 de abril de 2001.

³³ A respeito das ações radicais e mesmo violentas, e dos ciclos de reformas que elas podem provocar, ver Anders Corr, 1999, op. cit.

*Resumo*

Os Black Blocs são uma tática de resistência que emergiu na Alemanha durante os anos 1980 para defender ocupações urbanas (squatters) da incursão de forças policiais. Os Black Blocs têm sido ativos em diversas manifestações de rua e outras situações de confronto, apresentando-se como grupos de combate formados espontaneamente e que se dedicam a proteger manifestantes e ativistas de movimentos sociais da repressão das forças de segurança. Esse artigo mostra que a tática tem conexões com práticas anarquistas, e não se constitui como um “movimento” ou “grupo” como insistem governos, militantes organizados, partidos de esquerda e líderes antiglobalização moderados.

Palavras-chave: Black blocs, anarquismo, resistências.

Abstract

The Black Blocs are a tactic of resistance that has emerged in Germany during the 1980s to fight back police incursions against squatters. The Black Blocs have been active in several street demonstrations and other confrontational situations as spontaneous combat groups dedicated to secure protesters, squatters and social movements from security forces repression. This article clarifies that this tactic has connections with anarchist practices, despite of the fact they are not a “movement” or a “group” as classified by governments, organized militants, leftist parties and moderate antiglobalization leaders.

Keywords: Black blocs, anarchism, resistance.

Black blocs: down with the masks, Francis Dupuis-Deris.

Recebido em 20 de agosto de 2016. Confirmado para publicação em 25 de setembro de 2016.

